



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

*CAMPUS* SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

COORDENAÇÃO DE LETRAS

**LUCIANA DE OLIVEIRA DIAS**

PICOS

2019

**LUCIANA DE OLIVEIRA DIAS**

**A FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS DA COMUNIDADE  
TIÚBA- ZONA RURAL DE CAMPO GRANDE DO PIAUÍ:  
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL**

Artigo apresentado ao Curso de Letras-Português, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**D541f** Dias, Luciana de Oliveira.

A fala dos jovens e dos idosos da comunidade Tiúba- zona rural de Campo Grande do Piauí: uma análise da variação lexical. / Luciana de Oliveira Dias. -- Picos, PI, 2019.

18 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras/Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.”

1. Sociolinguística. 2. Alteração Lexical. 3. Variação Diacrônica - Diatópica. I. Título.

CDD 401.9

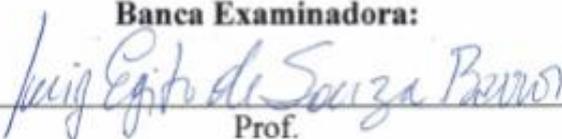
**LUCIANA DE OLIVEIRA DIAS**

**A FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS DA COMUNIDADE  
TIÚBA-ZONA RURAL DE CAMPO GRANDE DO PIAUÍ:  
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da  
Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador  
Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para  
obtenção do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 19 de Junho de 2019.

**Banca Examinadora:**

  
Prof.

Me. Luiz Egito de Sousa Barros (UFPI)  
(Orientador)



(Examinadora)



(Examinadora)

# A FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS DA COMUNIDADE TIÚBA- ZONA RURAL DE CAMPO GRANDE DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL<sup>1</sup>

Luciana de Oliveira DIAS<sup>2</sup>

Luiz Egito de Souza BARROS<sup>3</sup>

## RESUMO

Esse trabalho trata da variação linguística, em especial a variação etária ou diacrônica, já que compara a fala dos jovens com a dos idosos, em uma comunidade específica. Por isso a variação regional ou regionalismos acaba também ganhando certo destaque. O objetivo é fazer uma descrição a diversidade linguística existente na localidade Tiúba mais especificamente, uma análise comparativa entre os itens lexicais usados pelos jovens e pelos idosos, no intuito de detectar possível variação diacrônica. Intentamos também detectar possíveis ocorrências de palavras e expressões típicas do falar rural. Os resultados obtidos a partir da análise dos questionários foram os seguintes: na região realmente existem marcas de arcaísmos, mas também variantes inovadoras, já que para alguns conceitos os jovens usam itens lexicais diferentes dos idosos. Em relação às variantes conservadoras, pudemos constatar que elas estão ligadas ao modo de vida, à idade e, provavelmente, à escolaridade dos falantes. A metodologia consiste em uma pesquisa de campo, pela qual captamos os dados e analisamos à luz da Sociolinguística qualitativa. A pesquisa foi embasada em teóricos como: Preti (2002), Tarallo (1999), Bearzoti (2002), Nunes (2001), Souza (2001), Cardoso (1991; 2010).

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação diacrônica e diatópica. Alteração lexical.

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre variação linguística nos conduzem ao entendimento de que há uma relação entre língua e sociedade, e que essa relação faz com que a língua reflita a diversidade da comunidade Monteiro (2000). Ainda apoiando-se em relatos do autor citado, pode se dizer que os hábitos orais de uma comunidade de fala e suas formas de variações são consideradas práticas comunicativas comuns que, supostamente mantêm relação com diversos fatores: geográficos, históricos, econômicos, políticos e sociológicos.

Como vizinha e frequentadora da comunidade Tiúba, há tempos venho observando a presença de algumas características interessantes na fala dos moradores da região. Dentre essas

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II

<sup>2</sup> Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: *luci.anci@hotmail.com*.

<sup>3</sup> Mestre em Linguística pela (UFC), Professor Efetivo da UFPI - *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI. E-mail: *luizegitobarros@gmail.com*

características destacam-se a entonação e o uso do léxico, que marcam fortemente a fala dos moradores da referida comunidade. Apesar de ambos componentes da fala dessa comunidade chamarem a atenção, optamos por uma análise da variedade lexical presente na fala dessa comunidade.

Este trabalho investigativo tem como base a Sociolinguística e Lexicologia e tem como objetivo fazer uma observação da diversidade linguística existente na localidade Tiúba, mais especificamente, uma análise comparativa entre os itens lexicais usados pelos jovens e pelos idosos, no intuito de detectar possível variação diacrônica. Intentamos também detectar possíveis ocorrências de palavras e expressões típicas do falar rural, já que, de acordo com Preti (2000), “a identidade social do emissor ou falante é uma das duas dimensões (emissor/receptor) que se relacionam com a diversidade linguística”, ou seja, o léxico é fator linguístico definidor da identidade social e do perfil do falante de uma dada região. Por isso, esse trabalho tem como bases teóricas a Sociolinguística e a Lexicologia.

As informações descritas aqui nos direcionam ao seguinte questionamento: Como a idade e o meio sociocultural podem interferir nos usos do léxico pelos jovens e pelos idosos da localidade Tiúba? Na perspectiva de poder encontrar na região o condicionamento desses fatores, três itens foram escolhidos como justificativa para esse trabalho: 1- A ciência, pois através deste, outros curiosos da língua poderão utiliza-lo em suas futuras pesquisas; 2- Para mim mesma, pois tenho esperanças de que ao realizá-lo com sucesso ele posso continuar estudando a língua. 3 Por entender que há necessidade de se registrar formalmente acontecimentos da língua. Em busca de respostas a questão a cima, foi levantada a hipótese de que na Tiúba existe um conjunto de hábitos de fala que é característico dos seus moradores e que estas características podem sim ser o reflexo de sua própria cultura rural, já que alguns desses hábitos são presentes entre jovens, adultos e idosos que vivem na localidade.

Com o intuito de deixar o mais claro possível o resultado desse trabalho, a pesquisa foi aplicada em dois grupos: a) 5 jovens de idade entre 18 e 27 anos, onde dois desses são escolarizados e três não; b) 5 idosos de idade entre 70 e 80, destes, apenas um é alfabetizado. As perguntas foram elaboradas igualmente, no entanto, no que se refere à aplicação do questionário o procedimento ocorreu de maneira diferente: Com os jovens, os registros foram feitos em conversas mais informais e com os idosos, as respostas foram obtidas através de gravações aqui transcritas.

No embasamento teórico deste trabalho foram utilizadas as teorias: Sociolinguística, Dialectologia e Lexicologia, e leituras de obras dos seguintes autores: Preti (2000), Tarallo

(1999), Bearzoti (2002), Nunes (2002), Chrystal (1988), Souza (2001), Cardoso (1991) e Cardoso (2010)

Todos os participantes são nascidos e moram na comunidade e os primeiros a serem ouvidos foram os jovens. Procedi dessa forma, aproveitando o hábito de conversa que os mesmos possuem de aos domingos e feriados se reunirem na sombra de uma figueira centralizada no seio da comunidade, onde naturalmente dialogam sobre muitos assuntos para observar e registrar os pontos em que se diferenciavam suas falas, o que de certa forma facilitou meu trabalho.

O povoado Tiúba foi fundado em 1950, por um agricultor de nome Antônio Gomes de Brito e fica situado na cidade de Campo Grande do Piauí, Segundo relatos de seus familiares, a princípio não havia um plano de moradia naquela região, por isso aquelas terras eram utilizadas apenas no inverno para as atividades agrícolas, mas no verão a escassez de água os obrigava a se deslocarem às suas antigas residências, já que estas eram bem mais próximas ao único reservatório de água que abastecia a região na época. Somente em 1962 é que a família Brito, mesmo diante dessa dificuldade resolveu fixar residência.

A comunidade possui hoje cerca de 70 habitantes, distribuídos em 22 moradias. O nome Tiúba é uma referência a um tipo de abelha muito explorada antigamente pelos moradores. A principal atividade cultural da região é o festejo em homenagem ao padroeiro São José, que acontece há cerca de 32 anos. De acordo com os moradores daquela comunidade, os dias que antecedem a este acontecimento local são de muita alegria e envolvimento para todos, e os leilões, que são uma marca da comunidade têm como objetivo a divisão do valor entre os moradores mais necessitados. A maioria dos moradores não ultrapassaram o ensino básico e, em se tratando de graduação, os números ainda são mais baixos, não ultrapassam 2% da população.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A LÍNGUA**

Do ponto de vista da necessidade humana, “a língua é o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana” e “é também o objeto de maior interesse da sociolinguística”, ciência investigativa, que busca no fenômeno da fala todas as possíveis explicações equivalentes ao processo da interação (LABOV, 2007, p.19). Para Oliveira (2009) apud Preti (2000, p.9), “a língua é por excelência um instrumento de

comunicação social em que o homem se projeta na criação da realidade”. E, segundo o próprio Preti (2000, p.12),

a língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária. A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros e significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação. (PRETI, 2000, p.12)

Essas conceituações dadas à língua, são complementadas por Tarallo (1999, p.4) quando diz, que “a língua pode ser também um fator extremamente importante na identificação de grupos, tal como, uma maneira de se demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”. Por isso, a construção de um modelo teórico que procura analisar a língua sempre em relação com a sociedade a que essa língua serve.

## A SOCIOLINGUÍSTICA

Quando surgiu em meados dos anos 50, a Sociolinguística tinha como objetivo a exploração das alterações do sistema linguístico em decorrência do tempo, estando estas, atreladas a fatores do meio social de uma forma geral. Hoje, também é papel da Dialetologia enriquecer o banco de dados e conhecimentos científicos da língua, dentre os quais o estudo de comparação das estruturas linguísticas e social, ou seja, as motivações interna e externa para a diversidade linguística na sociedade, o que não iremos discutir aqui. Em decorrência das motivações, são identificadas as variedades sincrônicas e variedades diacrônicas, geográficas e socioculturais, mas as investigações da Sociolinguística podem abranger também os processos históricos que estão relacionados à mudança (FARACO, 1991, p. 58).

A sociolinguística estuda as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas, e o sociolinguística deve tentar mostrar se a variação da linguagem de um falante para outro está determinada e, em caso positivo, como e porque fator (PRETI, 2000).

Segundo Mollica (2012), além de ser papel da sociolinguística estudar a variação, também é função dessa ciência a investigação das correlações da língua com a sociedade e com as características sociais dos falantes.

no seio da comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2012, p. 9).

### 3. TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Levando em consideração o que já foi dito sobre a Sociolinguística e sua relação com a comunidade de fala, vale também dizer que a variação é uma característica natural das línguas e, portanto, segundo Monteiro (2000, p. 57), “essencial a própria natureza da linguagem humana”. Vejamos os eixos em que ocorrem a dimensão dessas variações:

#### 3.1 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA

Existem dois fatores que são extremamente determinantes para a ocorrência de variações socioculturais: a situação e o grupo a que pertence o falante. Do ponto de vista da situação, temos a variação diafásica, nela são levadas em consideração as influências do ambiente, o tema, o estado emocional do falante, a situação comunicativa e o grau de intimidade entre os mesmos. Já do ponto de vista do grupo, temos a variação diastrática, nesta, os elementos são outros: a idade, o sexo, a raça, a profissão o grau de escolaridade, o local em que o locutor reside e a posição social deste falante. Diante dos fatos citados, sobre a língua e sua rica estrutura, existe outro elemento que também faz parte desse universo linguístico. São os famosos dialetos ou apenas variantes linguísticas para alguns autores. O dialeto é uma variedade da língua dentro de uma mesma comunidade, é tradicionalmente denominado assim pela própria característica denominada a ele, que é de ser conjunto de símbolos da língua que pertence a um dado povo em uma dada comunidade de fala, Preti (2000, p. 9)

Na variação diastrática, a língua é compreendida por uma visão em sentido vertical, ou seja, a linguagem acontece no seio de uma dada comunidade (urbana ou rural), nela, as alterações podem ser provenientes da idade, do sexo, da profissão, do nível de escolaridade e da localização do indivíduo dentro dessa região. Em outras palavras, variação social é a diferença nos falares que ocorrem em um mesmo espaço demográfico conhecida como linguagem culta e linguagem popular. Referindo-se aos dialetos da língua Preti (2000, p.30) exemplifica claramente suas funções, mas adverte que os limites utilizados em suas explicações não possuem grande consistência, já que um mesmo falante pode sempre que possível fazer suas próprias escolhas em seus momentos de fala, ora aproximando-se do dialeto popular, ora do dialeto culto.

#### 3.2 VARIAÇÃO DIATÓPICA

Variação Diatópica é o plano em que ocorrem as alterações na língua em diferentes estados ou países que adotam a mesma língua materna. Neste plano, as diferenças linguísticas são denominados dialetos geográficos, regionais ou regionalismos. A exemplo disso, podemos

citar o Português falado no Brasil nos diferentes estados brasileiros, municípios de um mesmo estado, e o falado em Portugal. As variedades geográficas apontam uma oposição entre a linguagem urbana e a rural. A primeira, segundo Preti (2000, p.21), “mais próxima da linguagem comum e proveniente dos fatores culturais; a segunda, mais conservadora e com tendência ao assolamento”.

Falar de alterações linguísticas é também ter consciência de que embora sejam comuns em uma determinada língua, elas não constituem propriamente uma mudança, haja vista que numa mudança a afirmação de uma variante implica inevitavelmente na morte da outra (TARALLO, 1999).

Essa relação de ocorrências entre os modos do dizer, está historicamente conceituada na língua de duas formas: mudança e variação linguística. No entanto, não cabe aqui expandir-se sobre mudança linguística, já que, esta, não constitui objetivo para este trabalho, mas para que não haja dúvida sobre esses processos, deixemos a seguinte explicação: “a variação não implica necessariamente mudança linguística” já “a mudança, ao contrário, pressupõe a evidencia de estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes” (TARALLO, 1999, p.4). No entanto, dentre as discussões que recaem sobre a língua, as principais divergências se situam mesmo é sobre esses dois pontos:

As variedades urbanas e linguagem/rural. A primeira cada vez mais próxima da linguagem comum, pela ação decisiva que recebe dos fatores culturais (escola, meios de comunicação de massa, literatura). A segunda mais conservadora e isolada, as variedades geográficas conduzem a uma posição fundamental: linguagem extinguindo-se gradualmente com a chegada da civilização (PRETI, 2000, p. 9).

### 3.3 VARIAÇÃO DIAFÁSICA

A variação diafásica é também é a famosa estilística, nela as modificações empregadas pelo falante ao discurso dependem da situação, do contexto comunicativo (formal e informal), e do grau de intimidade entre os falantes. Vemos na afirmação de Faraco e Tezza (2001), que na modalidade oral geralmente se utilizam frases mais curtas e apelos próprios da informalidade. Já em situações em que este mesmo falante se comunicar de forma mais comprometida, nota-se o uso de maior formalidade.

### 3.4 VARIAÇÃO DIACRÔNICA

As variedades diacrônicas compreendem o plano dos diferentes estágios da história, pois, como sabemos, a língua é um sistema móvel e, por isso, passível de variação e mudança. Cada geração impõe à língua suas peculiaridades e em todos os componentes dela, podem ocorrer transformações, seja na pronúncia, na morfologia, na sintaxe, na semântica ou no léxico.

Para Sousa (2016, p.16), a variação cronológica possui sua marca própria a quem chama de “fator condicionante “, ela acrescenta que,

ao contrário dos tipos de variantes supracitadas, que ocorrem no plano sincrônico, ou seja, que são originadas em um mesmo espaço temporal, esse tipo de variação se caracteriza pelo fato de apesar de conviverem em um mesmo espaço de tempo, as variedades linguísticas são decorrentes de tempos diferentes e representam momentos diferentes da língua (SOUSA, 2016).

Vale ressaltar que: apesar dos fatores citados aparecerem com frequências nos estudos diacrônicos, não é fácil se fazer um levantamento seguro dessas informações, pois diante da complexidade das fontes que supririam a necessidade do pesquisador, ele precisa ter em mente exatamente aquilo que deseja investigar, sob pena de seu trabalho não surtir um resultado duvidoso ou aberturas a interpretações diferentes daquilo que ele está querendo dizer. Já que, segundo o linguista português Carvalho, J. G., (1967) apud Preti, (2000, p. 13),

mesmo no interior de um grupo para alguns homogêneo, pode-se dizer que não há dois sujeitos que se exprimem exatamente da mesma maneira; é manifesto ao nível do léxico, é igualmente notável no plano da Fonologia. Assim, encontram-se pessoas que fazem a oposição e aberto/e fechado em final, mesmo sendo da mesma idade e da mesma categoria social (PRETI,2000)

#### **4. O QUE VARIA NAS LÍNGUAS**

De acordo com Faraco (2005), Beline (2007), a língua é um sistema, que no interior de sua estrutura estão presentes diversos componentes. Dentro da estrutura linguística permeiam elementos que possuem sua importância linguística dentro do seu devido espaço, porém, todos estes elementos estão suscetíveis a algum tipo de variação. Dentro dessa configuração estrutural estão presentes as variações e mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e lexicais e é sobre esta última que pretendemos nos alongar, afinal,

Esse tipo de variação, a lexical, é entretanto apenas um dos modos como uma língua pode variar. Em outras palavras, fazer referência a um elemento no mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram, que de fato, as línguas variam, Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar-variação diatópica-, seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando-variação diafásica (BELINE, 2007)

Vale lembrar que, apesar da existência comprovada de variações nos campos mencionados que envolvem a palavra, de uma forma geral, nosso real foco é variação do léxico, “de todo modo, muito embora já tenhamos começado a levantar questionamentos acerca da variação linguística, parecemos estar cumprindo um primeiro passo de nossa tarefa: verificar que as línguas variam”, (BELINE, 2007, p.21). No entanto, nem todo mundo possui tal percepção sobre esse aspecto da língua. Segundo Faraco (2005), normalmente, isso só ocorre diante da convivência demorada entre falantes de classes ou culturas diferentes ou a quando no ato da escrita o falante sente dificuldades em adequar-se um tipo de estrutura da escrita vigente.

#### 4.1 ALTERAÇÕES FONÉTICAS E FONOLÓGICAS

As alterações fonéticas podem ser notadas em uma avaliação bem mais simples. Para exemplificar esse fato usamos um exemplo já citado por Faraco (2005, p.35), onde ele mostra a presença do [l] no final da palavra “sal”, ser rotineiramente trocado por [w], um processo linguístico de alteração na pronúncia do som do [l] no final da sílaba, mas que não ocasionou nenhum tipo de alteração na escrita.

Para também se demonstrar a forma como as variações e mudanças Fonológicas ocorrem, foram utilizadas as mesmas teorias, mas neste caso, nota-se uma diferença em relação ao primeiro, pois, as alterações que anteriormente não provocavam nenhum tipo de mudança na estrutura das palavras, agora já se dão em torno de outra relação ( pronuncia e seguimento sonoro), e também já apresentam modificações extremamente visíveis em consequência dos acréscimos de fonemas, como é o caso em que ocorreu na passagem do latim para o português, onde [n] e [l] motivaram o aparecimento dos fonemas [ɲ] e [ʎ], e conseqüentemente resultaram no surgimento dos pares de palavras, manha/mana; malha/mala (FARACO, 2005, p.36).

#### 4.2 ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS

O termo morfologia está diretamente ligado ao estudo da estrutura interna das palavras. É sabido que dentro dessa estrutura se encontram os morfemas e todos os processos que envolvem a criação e a flexão de novas palavras. Sobre estes processos, Faraco (2005, p.38) destaca que: “as palavras autônomas podem se tornar morfemas derivacionais; sufixos podem desaparecer como morfemas distintos, passando a integrar a raiz das palavras e o sistema flexional também pode se alterar”. Os tipos de alterações nesse nível ainda podem também alcançar “as formas de se marcar as categorias gramaticais como: gênero, número, voz, tempo e pessoa”.

#### 4.3 ALTERAÇÕES NA SEMÂNTICA E NA SINTAXE

As variações no nível da semântica giram em torno dos diferentes significados que um mesmo componente linguístico pode apresentar em consequência do grupo ou da região de seus falantes. Para exemplificar a alteração semântica, temos a palavra “revolução”, que em sua origem significava “movimento regular, sistemático e cíclico dos corpos celestes”, mas foi ampliado quando empregado a outros campos semânticos e passou a designar “movimentos sociais alteradores de uma ordem já estabelecida, (FARACO, 2005, p.39)

É conveniente dizer, que variação sintática é um tanto mais complexa, visto que, esse tipo de variação se concentra no âmbito da construção frasal, porém as diferentes formas de se falar podem ser vistas melhor no português, quando observamos o uso do advérbio de negação dentro de uma determinada sentença. De acordo com Beline (2007), “a observação da variação na sintaxe não se dá de forma tão pacífica como no caso da morfologia e da fonética. Se pensarmos bem, tampouco é simples abordar a variação lexical”, já que, nem sempre existe consenso sobre os sinônimos dos vocábulos.

## VARIAÇÃO LEXICAL

Levando em consideração o raciocínio de Beline (2007), que recai sobre a notável existência de diferenças nos falares do português no país, a partir de agora será tratado da variação lexical e para abrir o assunto, vejamos o que diz Bearzoti (2002): “as variações regionais são inerentes a natureza das línguas e muitas se apresentam em grau maior que as do Português do Brasil. Em Portugal, os falantes do norte distinguem-se dos falantes do sul, que são a base da norma-padrão- por uma série de traços fonológicos e lexicais”, através do dialeto, o usuário da língua faz uso de contexto e adequações a seu próprio estilo de fala. Portanto, é possível que um mesmo falante faça uso de duas variedades em situações diferente, isso, em se tratando de uma mesma comunidade. Este fenômeno linguístico foi chamado pelo francês Ferguson (1959) de “diglossia”, um caso, em que se pode enxergar a existência de uma linguagem culta e uma linguagem popular, sendo que, a esses dois extremos, ainda cabem duas subdivisões:

A linguagem popular, por exemplo poderia admitir gradações inferiores que nos levariam, quem sabe, até a um dialeto social vulgar, ligados a grupos extremamente incultos, aos analfabetos e aos que não tem contato algum com centros de civilizados. Nele se multiplicaria estruturas como nois vai, eles fica etc. A linguagem culta poderia atingir graus de extrema elaboração que a tornaria preciosa, fora da realidade falada (PRETI, 2000. P.37),

Nesse sentido, “um mesmo falante domina mais de uma norma (já que a comunidade a que pertence tem várias normas) e mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa (FARACO, 2008. p.41).

Antes de um aprofundamento maior às variações regionais, compreender e expor com clareza, o que vem a ser o significado e a conceituação linguística do termo “norma”.

O sentido geral do termo norma ou normativo é usado na linguística fazendo referência a uma prática padronizada na fala ou na escrita. A norma questão pode-se aplicar a grupos de vários tamanhos dentro de uma mesma comunidade de fala ou à comunidade como um todo. Por exemplo, o linguajar científico utiliza construções impessoais muito mais do que a língua usada em conversas, o que pode ser visto como uma norma para o propósito de comparação estilística. Muitas vezes as normas de diferentes grupos entram em conflito e um grupo pode impor regras normativas, onde o conjunto dessas regras impostas são aqui chamadas de Gramática normativa, (CHRISTAL 1988, p. 183).

Já de posse do significado do termo “norma”, também é conveniente se falar um pouco sobre a denotação de léxico, mesmo sabendo que em linhas gerais, não cabem a este, muitas explicações, pois sobre ele já existe uma firme definição como sinônimo de vocabulário. Mas, de acordo com Chrystal (1988, p. 182), “o léxico é o componente que contém todas as informações e propriedades estruturas dos itens lexicais de uma determinada língua”.

Viu-se na história do Brasil, que o português não se firmou da mesma maneira, nem ao mesmo tempo, em todas as regiões do país. Segundo Castilho (2001), algumas regiões do nordeste realmente não foram de imediato favorecidas com a inovação dos portugueses e isso proporcionou a diversidade linguística e a conservação dos traços livres do denominado “brasileiríssimos português”, uma “inovação” de Portugal, que teria entrado no Brasil pelo Movimento Entradas e Bandeiras. No entanto, apesar do reconhecimento de que ainda falta muito para se desenhar o perfil do português falado no Brasil, acreditar na possibilidade de igualdade da língua no território rural, não é algo que acontece por acaso. (MATTOS E SILVA.1999) pois,

Diante da magnitude territorial e da heterogeneidade cultural, social e econômica, frutos de sua história, o Brasil é, por definição, a nação da diversidade em qualquer aspecto que se queira considerar da sua vida social. A língua portuguesa no Brasil, impossível de ser de outra forma, reflete isso, apesar de uma visão redutora insistir na “espantosa”, “notável”, “esplêndida”, “apreciável” unidade do português do Brasil. (MATTOS E SILVA, 1994, p. 216)

Através dos fatos constatados por Mattos e Silva sobre a magnitude territorial e diversidade linguística em determinadas regiões do Brasil, é inevitável não se dar uma explicação sobre aquele que é o elemento que mais se movimenta dentro do universo linguístico, o léxico, já que ele representa inúmeras possibilidades ao falante. Sendo assim,

O Léxico é, numa perspectiva cognitiva- representativa, a condição da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si, CHRYSTAL 1988, p. 157).

Esta definição sobre léxico também vai ao encontro da opinião de Biderman (2001, p. 153), quando diz que o léxico é um aglomerado de palavras e expressões linguísticas individuais muito próxima da vida e do cotidiano de seus usuários. Segundo o teórico, através do léxico, o homem pode representar sua própria realidade, não esquecendo o mesmo de pontuar também que o item é fruto de contextos sócio-histórico-culturais, e por isso, também suscetível a alterações.

Neste caso, entende-se haver uma certa urgência e até necessidade de analisar-se esses materiais antes que os mais relevantes desapareçam e sejamos punidos desse conhecimento.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 5.1 QUESTIONÁRIO APLICADO AO GRUPO-A

Na primeira questão foi perguntado como se referiam ao tipo de material normalmente utilizado na confecção de roupas e fardamentos (tecido).

Os 5 participantes deste grupo deram as seguintes respostas à minha indagação:

- Informante 1- “minha vó chama de fazenda, e eu também chamava assim, mas uma vez, na escola, uma galera zoou de mim. Hoje chamo de tecido”.
- Informante 2- “se outras pessoas conhecem por outro nome, eu não conheço, chamo de tecido mesmo, pra mim, essa é a forma correta”.
- Informante 3- “rapaz, eu não sei se tou certo não, mas eu acho que é pano, né não?”.
- Informante 4- “é de pano, roupa é feita é de pano!”.
- Informante 5- Embora este tenha concordado em ser interrogado não quis responder e apenas riu com certa timidez.

Na segunda questão perguntei aos voluntários como se referem às primeiras horas do dia em que antecedem o sair do sol.

- Informante 1- “de madrugada, claro!”.
- Informante 2- “o piá dos passarinho”,
- Informante 3 e 4 deram respostas iguais: “aqui nois chama de clarear do dia mesmo”.
- Informante 5 respondeu da seguinte forma: “cada um tem seu jeito de chamar as coisas, eu mesmo chamo é que nem minha vó, o quebrar da barra”.

O terceiro item do questionário apresentei uma indagação acerca do termo barulho. Vejamos as respostas:

- Informante 1- “chamo de zoadá mesmo “
- Informante 2- referiu-se ao termo chamando de “barulho”.
- Informante 3- “desde de criança que chamo de barulho.”
- Informante 4- chamou de “baderna”.

- Informante 5- Este respondeu ao questionário dizendo que apesar de saber da existência de todos esses elementos, também chama o termo barulho de “zoada”.

Para a quarta pergunta, lembrei aos entrevistados sobre uma cancela que antigamente existia na entrada do povoado. Essa foi a estratégia de minha pergunta para obter a versão deles como o componente linguístico.

- Informante -1- “aquele portão velho vivia dando trabalho e resolvemos tirar ela de vez”.
- Informante 2- “é porque todo mundo deixava aquela porteira aberta, daí foi melhor mesmo tirar ela de lá”.
- O informante3- chamou de “cancela”.
- O Informante 4- chamou o item lexical de “colchete”.
- O informante 5- “caniço”

Na quinta questão o termo utilizado foi gravidez. Perguntei-lhes como se referiam a uma mulher que estava esperando um filho, pedi que falassem de seu jeito.

- Informante. 1- “minha prima tá grávida de 7 meses, estou mais ansiosa pela chegada do bebê que ela mesma”.
- Informante. 2- “pois é, eu chamo de gravidez mesmo”.
- Informante 3,4 e 5 não se estenderam em suas repostas. Disseram apenas que falam que é “buchuda”.

Na sexta questão fiz referência ao café que todos da comunidade gostam muito. Perguntei como costuma chamar o recipiente utilizado para se fazer o café. As respostas dos dois primeiros informantes foram:

- Informante -1 “Cafeteira,”,
- Informante 2- “marmita, chaleira, eu chamo dos dois modos”. Utilizei o segundo termo como resposta.
- Informante 3- Quase não quis falar mas ao repetir a pergunta este também respondeu que só chama de “malmita”.
- Informante 4- “eu acho que todo mundo aqui chama isso é de chaleira, mãe mesmo!”.
- Informante 5- “vazia de fazer o café”. Depois riu de si mesmo.

Na sétima e última questão foi perguntado aos participantes como eles costumavam se referir às horas que antecedem a noite.

- Informante 1- “o final do dia”.
- Informante 2- “o anoitecer”
- Informante 3- “o turvar”.
- Informante 4- “a hora do anjo”.
- Informante 5- “as ave marias “.

## 5.2 QUESTIONARIO APLICADO AO GRUPO- B

A pesquisa foi realizada com 5 idosos da comunidade entre 70 e 80 anos. Nessa parte da pesquisa fiz gravações a fim de obter respostas convincentes acerca do item lexical selecionado. Na primeira questão pedi aos voluntários que falassem de alguma forma sobre o item tecido e para deixá-los mais à vontade, também pedi que dessem outras finalidades a esse objeto.

- Informante -1, “naquele tempo as coisa era difiço (difícil), eu merma (mesma) só comprei meu primeiro corte quando já tava (estava) caduca. Foi pra fazer um uma muda de roupa pra missa de Julho”.
- Informante -2, “minha fia (filha) os pano de hoje num (não) presta mais não, na primeira vez que moía(molha) já incoi”(encolhe)
- Informante-3, “hoje em dia ninguém não se faz mais como antigamente, naquele tempo a gente comprava uma fazenda e já fazia roupa pa (para) todo mundo da casa, mas hoje...”
- Informante -4, “eu mermo até hoje chamo é de fazenda, entenda quem quiser, mas eu falo é assim.”
- Informante-5, “e num (não) é pano não, minha fia?”.

Para o segundo item: Como se referem as primeiras horas do dia em que o sol ainda não saiu? Os cinco entrevistados deram respostas diferentes:

- 1- “hora de acordar é o amanhecer do dia, se num (não) for assim num (não) dá pra fazer nada porque o solo (sol) é quente demais e eu já num aguento mais...”.
- 2 “ah, eu sou que nem (como) minha finada mãe, num (não) sei falar nada não minha fia... chamo é o quebrar da barra”.

- 3- “bem cedo...de madrugada...tem muitos jeito de chamar”.(falar)
- 4- “romper da aurora”.
- 5- “clarear do dia”.

A terceira pergunta era acerca do item barulho, complementei a pergunta fazendo referência aos festejos local que acabara de acontecer na região.

- Informante 1- “esse ano foi uma zoadá medonha, mas não fui lá ver não”.
- Informante 2- “muié (mulher), todo ano é a mesma coisa, esses mininos (meninos) faz latumia demais, e a musga (música) é alta demais...”
- Informante 3- “eu mesma quando vim pegar no sono já era é tarde cum tanta labacé desse povo”.
- Informante 4- “foi dois dia aí de funaré,”
- Informante 5- “eu fico oiáno (olhando) o reboliço só daqui mermo, num (não) gosto muito não”.

A quarta questão era sobre o termo cancela.

- Informante 1- “eu chamo tudo é porteira”.
- Informante 2- “cancela”.
- Informante3- “cancela”.
- Informante 4- “caniço”.
- Informante 5- “colchete”.

Sobre o termo gravidez da quinta questão:

- Informante 1- “minha fia eu sei é achar bunito (bonito) uma muié (mulher) gestante”.
- Informante 2- “agora mermo (mesmo) aqui tem muita buchuda, vai ser minino (menino) muito...”.
- Informante 3- “em meu tempo a gente chamava que tava esperando ganhar nenê e até hoje eu nunca deixei de chamar”.
- Informante 4- “barriguda”.
- Informante 5- “prenha, buchuda...desse jeito”.

Na sexta questão fiz referência ao café que todos da comunidade gostam muito. Perguntei como costuma chamar o recipiente utilizado para se fazer o café.

- Informante 1- “chaleira”.
- Informante 2- “malmita”.
- Informante 3- “malmita”.
- Informante 4- “bule”.
- Informante 5- “malmita do café”.

Na sétima e última questão foi perguntado aos participantes como eles costumavam se referir às horas que antecedem a noite.

- Informante 1- “o turvar”.
- Informante 2- “as ave marias”.
- Informante 3- “o turvar”.
- Informante 4- “a hora do anjo”.
- Informante 5- “o entardecer”.

## QUADRO DE FALA DOS IDOSOS

A	TECIDO	AMANHECR	BARULHO	CANCELA	GESTANTE	CAFETEIRA	ENTARDECER
1	Tecido	De madrugada	Zoada	Portão	Grávida	Cafeteira	O final do dia
2	Tecido	O piá dos passarinho	Barulho	Porteira	Grávida	Marmita	O anoitecer
3	Pano	Clarear do dia	Barulho	Cancela	Buchuda	Malmita	O turvar
4	Pano	Clarear do dia	Baderna	Colchete	Buchuda	Chaleira	A hora do anjo
5	X	Quebrar da barra	Zoada	Caniço	Buchuda	Vazia de fazer o café	As ave Marias

Legenda

1,2,3 e 4 adultos analfabetos

5- alfabetizado

## QUADRO DE FALA DOS JOVENS

B	TECIDO	AMANHECR	BARULHO	CANCELA	GRAVIDEZ	CAFETEIRA	ENTARDECER
1	Corte	Amanhecer do dia	Zoada	Porteira	Gestante	Chaleira	O turvar
2	Pano	Quebrar da barra	Latúmia	Cancela	Buchuda	Malmita	As ave marias
3	Fazenda	Bem cedo	Labacé	Cancela	Esperando	Malmita	O turvar
4	Fazenda	O romper da aurora	Funaré	Caniço	Barriguda	Bule	A hora do anjo
5	Pano	O clarear do dia	Rebouço	Colchete	Prenha	Malmita do café	O entardecer

Legenda

1 e 2- Jovens escolarizados

3 a 5- Jovens não escolarizados

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento dessa pesquisa, pudemos finalmente voltar à indagação inicial e ressaltar o fato de que as realizações de fala de dos informantes do grupo- B (idosos), estão visivelmente atreladas aos hábitos e costumes linguísticos dos mais antigos falantes da comunidade. Uma harmonia nos falares que não há como não apontar o possível estímulo advindo das atividades religiosas, profissionais e culturais predominantes naquela localidade. Não sendo estes fatores capazes de excluir novas motivações, como a que se viu no caso da escolaridade, declarada por dois dos participantes mais jovens desta mesma comunidade,

possível causa pela qual se notou um leve afastamento dos falares em relação aos mesmos termos. Se pegarmos o item, “entardecer”, por exemplo, talvez essa questão possa ficar mais bem exemplificada.

Antes de expor a explicação sobre esse item, vale ressaltar que notou-se com maior frequência ou aproximação dos falares entre os jovens e idosos da comunidade sem escolarização e mesmo nossa pesquisa tendo se dirigido a esse parâmetro esse item não passou despercebido. Vejamos: dois falantes idosos agricultores, não alfabetizados se referiram ao momento entardecer como “o turvar”, e no mesmo contexto, dois jovens de formação escolar mais elevada se referiram ao espaço de tempo como “o final do dia”, e “o anoitecer”, uma notada alteração que nos conduziu a meditar e a mencionar o princípio que rege o processo de mudança na língua visto em Faraco (2005). Diante desse quadro de características encontradas, que de certa forma, conversa com suas teorias linguísticas, podemos afirmar que os fatores idade e meio social realmente motivam as atuais alterações nos falares da comunidade, no entanto, diante do item escolaridade dos participantes, não se pôde ignorar a possibilidade de uma nova influência, pois a variação diacrônica ou etária, que nesse caso parece sobrepor as variáveis sociais idade e escolaridade, aponta para a possibilidade de a língua está sendo direcionada ao lento e progressivo caminho da mudança. E mesmo sabendo que esta não acontece de forma brusca, sabe-se que ela é capaz de atingir algumas de suas partes, pois,

cada estado da língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo processo histórico. Do mesmo modo que, em cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes. Dessa maneira, se o português do século XIII era diferente do português de hoje, o português do futuro será diferente do de hoje: entre eles há um ininterrupto processo de mudança FARACO, 2005).

Por fim, foram observadas e registradas alterações lexicais nos falares da comunidade Tiúba, e frente a estes elementos optou-se em citar este viés de Faraco, apenas por concordar que o processo de mudança na língua decorre também desse tipo de variação, o que nos faz lembrar a ideia de que o português de ontem é diferente do de hoje que também será inegavelmente diferente do português de amanhã.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: (teoria lexical e linguística computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Relações entre a infraestrutura e as superestruturas e a interação verbal**. In: \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Laud e Yara F. Vieira. 8.ed. São Paulo: HUCITEC, 1997. p.39-

CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994. p.11

COSTA, Abrahão **Língua Portuguesa**. São Paulo, Editora Escola. Edição 71 de Junho de 2018.

CASTILHO, Ataliba T. (Org., 1998). **Para a História do Português Brasileiro, vol. I, Primeiras Ideias**. São Paulo: Humanitas / Fapesp. 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**/ Carlos Alberto Faraco- São Paulo: Parábola editorial, 2005.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta** –Recife-PE: Liber, 1991. p.159

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Prática de Textos para estudantes universitários**. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico – Sintaxe e morfologia**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

SÉRGIO, Buarque de Holanda. **Raízes do Brasil**. Editora Companhia das Letras, 1995. Vídeo sobre o homem cordial: [https://www.youtube.com/watch?v=nyyMip\\_r5\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=nyyMip_r5_8):

SILVA NETO, Serafim da. **História do latim vulgar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1977.

SOUSA, Valdisnéia Lúcia de. **Marcas do latim vulgar/português arcaico**. UFPI. 2016 p. 16.

ANEXO:

QUESTIONÁRIO ÚNICO

- 1- Qual o tipo de material utilizado na confecção de roupas e fardamento?
- 2- Como se referem às primeiras horas do dia em que antecedem o sair do sol?
- 3- Que nome você dá ao termo barulho, existe outro que você use no seu dia-a-dia?
- 4- Qual outro termo em que você usa para referir-se ao item cancela?
- 5 Quando uma mulher está esperando um filho, normalmente se diz que ela está grávida. E você, como fala?
- 6- Qual o nome do objeto que você utiliza para fazer o café?
- 7- Como você se refere ao final do dia após o pôr do sol?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( ) Monografia  
(  ) Artigo

Eu, Luciana de Oliveira Dias,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS NA COMUNIDADE TIUMA-ZONA RURAL DE CAMPO GRANDE DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 02 de DEZEMBRO de 2019.

Luiz Edite de Souza Barros  
Assinatura

Luciana de Oliveira Dias  
Assinatura